

## UM PROBLEMA FILOLÓGICO: ESTABELECIMENTO DO TEXTO E TRADUÇÃO DE SÓFOCLES, *TRACHINIAE*, 1-5<sup>1</sup>

Flávio Ribeiro de Oliveira

**Resumo:** Neste artigo discuto a escolha entre a lição ἐκμάθοις (adotada pela maioria dos editores) e a lição ἐκμάθοι (*Parisinus Graecus* 2712) no verso 2 das *Traquíncias* de Sófocles.

**Palavra-chave:** Sófocles, *As Traquíncias*, estabelecimento do texto

### “UN PROBLÈME PHILOLOGIQUE: ÉTABLISSEMENT DU TEXTE ET TRADUCTION DE SOPHOCLE, *TRACHINIAE* 1-5”

**Resume:** Dans cet article je discute le choix entre la leçon ἐκμάθοις (adoptée par la plus grande partie des éditeurs) et la leçon ἐκμάθοι (*Parisinus Graecus* 2712) dans le deuxième vers des *Trachiniennes* de Sophocle.

**Mots-clés:** Sophocle, *Les Trachiniennes*, établissement du texte

Meu propósito neste artigo é analisar os versos 1 – 5 das *Traquíncias* de Sófocles e discutir a escolha entre a lição ἐκμάθοις (adotada pela maioria dos editores) e a lição ἐκμάθοι (*Parisinus Graecus* 2712) no verso 2.

---

\* Professor do IEL-Unicamp

<sup>1</sup> Este artigo é uma pequena parte, modificada e ampliada, da pesquisa desenvolvida em 2008 no Centre Léon Robin de Recherches sur la Pensée Antique (Sorbonne/ ENS/ CNRS), sob a hospitalidade acadêmica de Barbara Cassin e com bolsa de pós-doutorado da Capes. O trabalho completo (*As Traquíncias de Sófocles: Apresentação, Tradução e Comentário Filológico de Flávio Ribeiro de Oliveira*) será publicado pela Editora da Unicamp (Campinas, Brasil).

O *tópos* de que se serve Sófocles nos cinco primeiros versos das *Traquíncias* nos faz pensar nas célebres palavras que disse Sólon a Creso, em Heródoto I, 32: como resposta à pergunta sobre quem seria o mais feliz dos homens, Sólon menciona Telo de Atenas e, em seguida, Cléobis e Bítton – todos já estavam mortos, depois de ter levado uma vida feliz. Creso protesta, pois esperava que Sólon dissesse que ele, Creso, era o mais feliz dos homens; Sólon então lhe responde: ἐκεῖνο δὲ τὸ εἶρεό με, οὐκω σε ἐγὼ λέγω, πρὶν τελευτήσαντα καλῶς τὸν αἰῶνα πύθωμαι (“o que me perguntaste, não o digo antes de saber que terminaste bem tua vida”)<sup>2</sup>.

A propósito deste passo das *Traquíncias* e de sua relação com a sentença de Sólon, o escoliasta comenta, bem ingenuamente, que ὁ τρόπος ἀναχρονισμός: μεταγενέστερος γὰρ ὁ Σόλων (“a figura é um anacronismo, pois Sólon é de geração posterior [à de Dejanira]”). Boissonade (*Notul. in Trach. I*) menciona uma observação que teria feito Jean-Louis Guez de Balzac para rebater esse tipo de crítica: embora Dejanira fosse mais velha do que Sólon, ela era mais jovem do que a filosofia proverbial.

O verso 2 dessa passagem apresenta ao filólogo um difícil problema de estabelecimento de texto: embora as principais edições modernas tragam a lição ἐκμάθοις<sup>3</sup>, há manuscritos (o mais importante dos quais é o *Parisinus Graecus 2712*, do século XIII) que têm a variante ἐκμάθοι, terceira pessoa do singular, o que implicaria o seguinte sentido (tomando-se como sujeito τις – o

---

<sup>2</sup> Não podemos afirmar que tenha havido necessariamente influência direta de Heródoto sobre Sófocles: a datação das *Traquíncias* é muito difícil. O fato é que tanto Heródoto nas *Histórias* como Sófocles nos primeiros versos das *Traquíncias* remetem a uma mesma tradição proverbial, atribuída a Sólon.

<sup>3</sup> Com ἐκμάθοις, o sentido dos três primeiros versos seria: “há uma sentença surgida há muito entre os homens, de que, antes que um homem morra, tu não podes saber se sua vida é boa ou se é ruim”.

*Uma questão filológica a respeito das Traquinias de Sófocles*

mesmo de θάνη): “há uma sentença surgida há muito entre os homens, de que um mortal, antes de morrer, não pode saber se sua vida é boa ou se é ruim”. Bothe objeta que *σί τις intelligatur, minus elegans* e, do mesmo modo, Brunck afirma que *secunda persona ... elegantiter ponitur* – contudo, trata-se de juízos subjetivos a respeito do que seria mais elegante (pessoalmente, não vejo por que uma construção seria menos elegante do que a outra). E mesmo de se concedesse, *for the sake of the argument*, que uma construção é, de fato, mais elegante do que a outra, pode-se ainda objetar o seguinte: Sófocles fazia *sempre* suas personagens se expressarem do modo “mais elegante” possível? A “elegância” da frase é sempre um critério decisivo na escolha entre lições divergentes? Parece-me que esse ponto deveria ser demonstrado com argumentos sólidos – e ainda não foi.

Tem razão Wunder quando afirma que *ἐκμάθοις in optimis libris est* – podemos, todavia, alegar que nem todas as lições dos *optimi libri* são *optimae*: o argumento de Wunder não é decisivo; eventualmente se encontram boas variantes em manuscritos que não estão entre os melhores.

De fato, a decisão entre as duas lições não é simples. Temos, com a lição *ἐκμάθοις*, aquele velho *tópos* do pensamento grego, de que alguém só pode dizer se um homem é feliz ou não depois que ele morreu – pois enquanto estiver vivo pode sobrevir alguma catástrofe (cf., por exemplo, além da passagem de Heródoto mencionada acima, os versos finais do *Édipo Rei*<sup>4</sup>, de Sófocles). Contudo, podemos aduzir argumentos fortes também em favor de *ἐκμάθοι*: se lermos *ἐκμάθοι*, não se altera o ponto essencial do *tópos* (neste caso, seria a própria pessoa que só se poderia considerar feliz após o término de sua vida) e

---

<sup>4</sup> ὥστε θνητὸν ὄντ' ἐκείνην τὴν τελευταίαν ἰδεῖν  
ἡμέραν ἐπισκοποῦντα μηδέν' ὀλβίζειν, πρὶν ἂν  
τέρμα τοῦ βίου περάσῃ μηδὲν ἀλγεινὸν παθῶν.

ainda, segundo o princípio filológico interno da *lectio difficilior*<sup>5</sup>, esta variante seria preferível, pois com ela a estrutura gramatical da passagem é mais complexa, menos evidente.

Além disso, do ponto de vista retórico, o contraste com a situação da própria Dejanira também favorece a lição ἐκμάθοι: com efeito, nos versos 4 e 5 Dejanira continua sua elocução, afirmando que com ela é diferente, pois, antes de morrer, já sabe que sua vida é ruim. A oposição “normalmente *um homem*, antes de morrer, não pode saber se *ele mesmo* é feliz ou infeliz / *eu*, ao contrário, já sei que *eu mesma* sou infeliz, mesmo antes de morrer” é mais simétrica e mais coerente, do ponto de vista da estrutura argumentativa, do que a oposição “*tu* não podes saber se *um homem* é feliz ou infeliz antes que ele morra / *eu*, ao contrário, já sei que *eu mesma* sou infeliz, mesmo antes de morrer”.

Em janeiro de 2009, no âmbito do seminário “Anthropologie des Poétiques Grecques” organizados por Claude Calame no Centre Louis Gernet (École des Hautes Études en Sciences Sociales), apresentei um trabalho em que discutia alguns problemas de estabelecimento e interpretação do texto das *Traquinias* – entre os quais, o problema da escolha entre as variantes ἐκμάθοι e ἐκμάθοις no verso 2. Analisando essa questão com Calame e com os participantes de seu seminário, foi aventada uma possível objeção à lição ἐκμάθοι: normalmente, em sentenças gnômicas que ocorrem nos prólogos de Sófocles, emprega-se a segunda pessoa do singular, e não a terceira. Contudo, insisto na superioridade de ἐκμάθοι: do ponto de vista do ensinamento gnômico, neste passo seria relevante

---

<sup>5</sup> Quando há duas ou mais lições que fazem sentido e que são métrica e gramaticalmente possíveis, é mais provável que a lição mais difícil seja a original (pois no processo de cópias dos manuscritos o fenômeno de simplificação de um texto difícil é muito mais freqüente do que o fenômeno de substituição de um texto fácil por um mais difícil).

*Uma questão filológica a respeito das Traquinias de Sófocles*

a sentença “tu não podes saber se *tu* és feliz ou não antes de morrer”<sup>6</sup> (ou então “um homem não pode saber se *ele mesmo* é feliz ou não antes de morrer”, como proponho), e não “tu não podes saber se um homem é feliz ou não antes de ele morrer”. Aqui, o que é gnômico, universal, é a questão da felicidade ou não de um homem antes que sua vida termine, e não o fato de outra pessoa o saber ou não (essa é uma questão secundária, marginal ao ponto importante). Ora, na passagem que analisamos, temos indiscutivelmente uma terceira pessoa do singular na frase πρὶν ἂν θάνῃ τις: a lição θάνῃ é aceita unanimemente pelos editores modernos. E mesmo se se adotasse uma das variantes mais fracas (θάνει ε θάνοι), não se alteraria o fato de que esse verbo está na terceira do singular e de que seu sujeito é τις (que é indiscutível: aparece em todos os manuscritos). O que nos leva de volta à proposta de dois verbos na terceira pessoa do singular, com o mesmo sujeito – que é o único modo de se conservar, no texto, o paralelismo com a situação concreta de Dejanira. A comparação que Dejanira estabelece só é efetiva se *lermos* ἐκμάθοι.

O argumento de que seria absurdo um homem avaliar sua própria vida depois de morrer (por exemplo, Dindorf: *nam ἐκμάθοι si scripsisset, ita locutus fuisset quasi mortui ipsi de uita ab se transacta iudicium facerent*) não procede, pois o pensamento religioso grego podia aceitar a idéia de termos alguma forma de consciência após a morte – tanto que, no canto XI da *Odisséia*, o fantasma de Aquiles pode tecer considerações sobre o valor da vida e comparar a situação dos vivos com a dos mortos (versos 488 sqq.)<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Mas é impossível, a partir dos manuscritos conhecidos, chegar a essa leitura, qualquer que seja a escolha entre as variantes.

<sup>7</sup> μὴ δὴ μοι θάνατόν γε παραύδα, φαίδιμ' Ὀδυσσεύ.  
βουλοίμην κ' ἐπάρουρος ἔων θητευέμεν ἄλλω,  
ἀνδρὶ παρ' ἀκλήρω, ᾧ μὴ βίωτος πολὺς εἴη,  
ἢ πᾶσιν νεκέεσσι καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν.

Como disse acima, as principais edições modernas adotam a lição ἐκμάθοις. Dentre as edições antigas mais importantes, a de Musgrave adota ἐκμάθοι. Também Seidl defende a leitura ἐκμάθοι (*neminem ante quam mortuus sit uitam sua recte cognoscere*). Johnson traz ἐκμάθοι e traduz: *sermo sane uetus est inter homines passim / "neminem uitam posse perdiscere mortalium, prius / quam moriatur, bonane an mala sit cuiquam"*.

Dentre os tradutores, mencionemos De Rochefort que, em sua bela tradução francesa do século XVIII, verte: "*c'est une maxime reçue depuis longtemps parmi les hommes, que personne, avant la dernière heure, ne peut savoir si sa vie a été heureuse ou malheureuse*". Ezra Pound, sempre mais preocupado com a poesia do que com a filologia, também lê ἐκμάθοι e traduz: "*no man knows his luck 'till he's dead*".

## Conclusão

As duas variantes em questão são boas e podem ser defendidas com argumentos sólidos. A escolha de uma delas não é fácil. Na obrigação de decidir entre uma das lições, os seguintes motivos me levaram a optar por ἐκμάθοι: 1) é *lectio difficilior*; 2) o paralelo rigoroso com a situação de Dejanira só se estabelece se lermos ἐκμάθοι. Eis, portanto, o texto que adoto e sua tradução:

ΔΗΙΑΝΕΙΡΑ

Λόγος μὲν ἔστ' ἀρχαῖος ἀνθρώπων φανείς<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Wunder explica equivocadamente a expressão λόγος ... φανείς: *de forma loquendi φανείς ἐστι, quae non multum differt significatu a perfecto πέφανται*. Bothe interpreta e traduz de forma correta: *est quidem sermo hominum, olim exortus*. Jebb explica a construção: ἀρχαῖος goes *adverbially with φανείς*: "*put forth of old*". A expressão λόγος ... ἀρχαῖος não traz maiores dificuldades: é bem interpretada, por exemplo, por Musgrave: *dictum antiquum*.

*Uma questão filológica a respeito das Traquinias de Sófocles*

ὥς οὐκ ἂν αἰῶν' ἐκμάθοι βροτῶν, πρὶν ἂν  
θάνη τις, οὐτ' εἰ χρηστὸς οὐτ' εἴ τῳ κακός·  
ἐγὼ δὲ τὸν ἐμόν<sup>9</sup>, καὶ πρὶν εἰς Ἅιδου μολεῖν,  
ἔξειδ' ἔχουσα δυστυχή τε καὶ βαρύν

*DEJANIRA*

*Ditado antigo dos homens*

*diz que antes de morrer nenhum mortal*

*pode saber se tem bom fado ou mau;*

*mas eu o meu bem sei, mesmo antes de ir ao Hades:*

*meu fado é desafortunado e grave.*

**BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA**

BOTHE, F. H. – *Sophoclis Tragoediae*. Leipzig, 1828.

BRUNCK, R. F. P. – *Sophoclis Tragoediae Septem*. Strasbourg, 1786.

DE ROCHEFORT, M. – *Théâtre de Sophocle*. Paris, 1788.

DINDORF, G. – *Sophoclis Tragoediae Superstites et Perditarum Fragmenta*.  
Oxford, 1860.

JOHNSON, Th. – *αἱ τοῦ Σοφοκλέους τραγωδίαί ἑπτα*. Eton, 1775.

MUSGRAVE, S. – *Σοφοκλέους – αἱ ἑπτα τραγωδίαί*. Oxford, 1800.

PALEY, F. A. – *Sophocles, with English Notes*. London, 1880.

POUND, E. – *Sophocles – Women of Trachis*. London, Faber & Faber, s/d.

WUNDER, E. – *Sophoclis Tragoediae*. Gotha & Erfurt, 1836.

---

<sup>9</sup> τὸν ἐμόν é enfático e não, como pretende Paley, “*redundans*”.